

## Corporeidades em Disputa: Uma Análise Historicizada das Primeiras-Damas<sup>1</sup>

Laís Espósito Araújo<sup>2</sup>

Nicoli Tassis<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

### RESUMO

Este trabalho busca compreender o papel da primeira-dama de maneira historicizada, ou seja, a partir dos modos pelos quais identidades, produtos e processos da cultura tomam forma na relação com as temporalidades e espacialidades. As análises exploratórias aqui apresentadas partem de Janja Lula da Silva e Michelle Bolsonaro, contemplando uma constelação de publicações em suas redes sociais particulares e também de conteúdo dos portais *GI*, *Folha de S.Paulo*, *CNN*, *BCC*, *O Globo*, *Estadão* e *Gazeta do Povo*. desde o período eleitoral de 2022 até os dias atuais. Buscamos observar como as corporeidades entram em disputa nas performances midiáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** primeira-dama; performance; gênero; historicidade; corporeidades.

### INTRODUÇÃO

O papel da primeira-dama no Brasil, embora sem uma função institucional formal, tem sido historicamente moldado por disputas simbólicas e culturais que envolvem as noções de feminilidade, corporeidade e performance social. No decorrer do século XX, figuras Darcy Vargas (1930 a 1945; 1951 a 1954) e Sarah Kubitschek (1956 a 1961) consolidaram a imagem da esposa do presidente como uma mulher dedicada à assistência social, marcada por ações como a criação e gestão de instituições de caridade, como a Legião Brasileira de Assistência (LBA) (LINS, 2018).

Essa construção hegemônica da feminilidade, vinculada à maternidade e ao cuidado, predominou até o fim da Ditadura Civil-militar Brasileira (1964-1985),

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, performances e corporeidades, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Estudante de Graduação, 4º Semestre do Curso de Jornalismo da UFU. Membro do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (NARRA / UFU), email: [lais.esposito@ufu.br](mailto:lais.esposito@ufu.br)

<sup>3</sup> Orientadora do Projeto de IC. Doutora em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea. Professora do Curso de Jornalismo da UFU e do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE/UFU). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (NARRA / UFU); email: [nicoli.guedes@ufu.br](mailto:nicoli.guedes@ufu.br)

momento em que Ruth Cardoso (1995-2003) inaugurou um novo modelo de atuação. Ela se distanciou da abordagem assistencialista, aproximando-se das esferas acadêmica e das políticas públicas, tornando-se uma das primeiras-damas mais intelectualizadas e politicamente ativas do Brasil (FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, 2025).

A intensificação da mídia e das redes digitais no século XXI trouxe novas dinâmicas para a representação das primeiras-damas. A exposição de suas figuras passou a ser mais fragmentada e multifacetada, refletindo as tensões entre feminilidades tradicionais e subversivas. Nesse cenário, o papel das mulheres na política e o modo como suas imagens são construídas na mídia são cada vez mais dinâmicos, negociados e ressignificados. No bojo dessas transformações, este estudo busca analisar a figura da primeira-dama no Brasil, com ênfase nas trajetórias de Michelle Bolsonaro (2019-2023) e Rosângela (Janja) Lula da Silva (2023-presente), com o objetivo de compreender como suas imagens e atuações refletem as disputas simbólicas e sociais em torno da identidade de gênero e poder no contexto contemporâneo.

Michelle Bolsonaro é natural de Ceilândia, no Distrito Federal, e casada com o ex-presidente da República Jair Bolsonaro, que governou o país entre 2018 e 2022. Antes do casamento, atuou como assessora parlamentar e hoje é presidente do Partido Liberal da Mulher (PL Mulher). A partir de 2022, sua performance ganha um novo tom, tornando-se mais incisiva e participativa nas campanhas de seu marido. Michelle passa a se tornar ferramenta política para ativamente reduzir a imagem violenta e machista de seu companheiro “ Escalada pela campanha do presidente Jair Bolsonaro para tentar amenizar a imagem do candidato à reeleição com o público feminino, a primeira-dama Michelle Bolsonaro afirmou, nesta quarta-feira, que a mulher tem que ser “ajudadora do esposo” (O GLOBO, 2022).

Acreditamos que a análise das performances de Michelle e Janja materializadas em diversos produtos midiáticos permite compreender como a figura da primeira-dama continua sendo um espaço de disputa simbólica, onde diferentes modelos de feminilidades, corporeidades e poder são negociados e ressignificados. Ao tensionar narrativas tradicionais e contemporâneas sobre o papel das mulheres na esfera pública, esse estudo busca evidenciar, ainda que em caráter inicial, como os discursos midiáticos e políticos constroem e redefinem as representações de gênero.

## **METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com base na análise cultural proposta por Raymond Williams (1983) e nas práticas cotidianas de Michel de Certeau (2000). A partir dessa perspectiva metodológica, a pesquisa examina as narrativas midiáticas que envolvem as figuras de Michelle e Janja como materialidades que são atravessadas por determinações históricas e sociais que configuram as feminilidades e masculinidades no contexto contemporâneo. Considera-se que as narrativas midiáticas não são representações passivas ou estáticas da realidade, mas sim expressões dinâmicas de relações sociais complexas, imersas em convenções e formas discursivas históricas.

A análise dos discursos midiáticos é essencial para compreender como as representações das primeiras-damas são construídas e disseminadas, e como elas dialogam e desafiam as normas de gênero. O corpus de pesquisa foi composto por uma constelação de narrativas midiáticas coletadas em diferentes plataformas digitais, incluindo redes sociais, veículos jornalísticos e outras formas de mídia digital, abrangendo o período eleitoral de 2022 até o momento atual. O vasto recorte temporal permite observar as dinâmicas discursivas e os processos de ressignificação que emergem ao longo do tempo, evidenciando os conflitos e as disputas simbólicas que permeiam a figura da primeira-dama no Brasil contemporâneo.

Janja, por sua vez, surge como uma figura progressista. Antropóloga de formação, sempre esteve ligada a movimentos militantes e políticos, sendo também definida como peça-chave nas eleições de 2022. “Os dois construíram juntos a narrativa do amor contra o ódio, decisiva para derrotar Jair Bolsonaro” (GUEDES; MELO, 2023). Em suas mídias sociais, onde possui 2,4 milhões de seguidores, Janja se descreve na bio do seu perfil no Instagram como: “Socióloga formada pela UFPR, MBA em Gestão Social e Sustentabilidade, Petista de carteirinha desde 83 e casada com um certo Pernambucano de Garanhuns”.

## **PRINCIPAIS RESULTADOS**

A análise das performances de Michelle e Janja evidencia como a figura da primeira-dama continua sendo um espaço de disputa simbólica, onde os sentidos de

feminilidade, corporeidade e poder são negociados e ressignificados. As trajetórias de Michelle e Janja materializam normas de gênero e os modos como as representações de poder se entrelaçam, criando tensões entre os papéis tradicionais e as novas formas de atuação pública. A análise revela que as performances de gênero não são estáticas; elas se constituem a partir de práticas reiterativas e situacionais que reforçam, mas também subvertem, as expectativas de gênero.

Michelle, embora se apresente como uma mulher conservadora, com fortes posturas religiosas e tradicionais, também adota atitudes que desafiam essas expectativas. Em seu período como primeira-dama, ela promoveu ações que, à primeira vista, poderiam ser consideradas progressistas, como a oferta de cursos de política voltados para mulheres no site do PL Mulher. Além disso, ela foi a primeira primeira-dama a discursar em uma posse presidencial, evento em que buscou dar visibilidade à comunidade surda, desafiando os limites do papel tradicionalmente assistencialista e submisso. No entanto, sua figura continua sendo associada a uma feminilidade tradicional, sublinhada pelo seu papel de "ajudadora do esposo", conforme destacado por suas declarações públicas. Essa tensão entre conservadorismo e atitudes subversivas ilustra as complexas dinâmicas de gênero e poder na política contemporânea.

Em contraste, Janja Lula da Silva se apresenta como uma figura progressista e intelectualizada, conectada a movimentos militantes e políticos desde a juventude. Sua imagem foi estrategicamente ligada à figura de uma mulher forte, ativa e engajada, que representa a continuidade de políticas de esquerda e a luta contra o ódio e a desigualdade. No entanto, sua presença em eventos públicos frequentemente coloca Janja em posições subalternas, onde ela é usada como um símbolo de apoio ao presidente, reforçando a ideia de que a figura da primeira-dama ainda se associa à masculinidade presidencial. Isso pode ser observado, por exemplo, nas declarações de Lula, que frequentemente usa sua esposa para reforçar sua imagem de virilidade e competência política, como no comentário feito durante a inauguração de um prédio da Unicesp, em julho de 2024, onde ele mencionou a energia e virilidade que associava a si mesmo.

Além disso, as críticas da mídia a ambas as primeiras-damas revelam a persistência de estereótipos de gênero e a sexualização das mulheres na política.

Michelle e Janja são frequentemente alvo de ataques misóginos e sensacionalistas, o que ilustra como as primeiras-damas ainda enfrentam uma vigilância constante que as coloca em posições subalternas, mesmo quando exercem papéis de destaque na arena política. No caso de Janja, a criação de sites como o "Janjômetro", que monitoram seus gastos de maneira distorcida, reflete uma tentativa de deslegitimar sua atuação e reforçar a ideia de que ela é uma figura secundária e dependente da masculinidade do marido. Essa vigilância midiática é um reflexo do controle patriarcal sobre as mulheres na política, onde a autonomia feminina é constantemente questionada.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das trajetórias de Michelle e Janja evidencia que, embora o papel da primeira-dama no Brasil tenha se transformado ao longo do tempo, ele continua sendo uma materialização das tensões entre as expectativas tradicionais de feminilidade e as novas formas de poder feminino na política. Ambas as figuras, apesar de suas diferenças políticas e de atuação, são construídas pela mídia e pelo discurso presidencial de maneira a reforçar normas de gênero patriarcais, sendo frequentemente sexualizadas e usadas como instrumentos de validação da masculinidade presidencial. No entanto, as performances dessas mulheres, mesmo em um contexto de dominação masculina, também refletem o potencial subversivo da figura da mulher na política.

O estudo mostra que a construção da imagem da primeira-dama é complexa e multifacetada, envolvendo tanto a reprodução de normas de gênero quanto a resistência e subversão dessas normas. As primeiras-damas não apenas refletem os valores tradicionais de feminilidade, mas também se tornam figuras centrais nas disputas e redefinições de gênero e poder na sociedade contemporânea. Portanto, ao analisar as trajetórias de Michelle e Janja, é possível perceber que elas são ao mesmo tempo agentes de transformação e reflexos das continuidades das dinâmicas de gênero e poder que permeiam a política brasileira.

### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Rogério Bettoni. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CNN BRASIL. **Bolsonaro puxa coro de ‘imbrochável’ em discurso no Dia da Independência**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-puxa-coro-de-imbrochavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

CUNHA, Daniela. **Janja tranca conta de Instagram após ser alvo de comentários misóginos**. Folha de S. Paulo, 28 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/brasil-hoje/2025/03/janja-tranca-counta-de-instagram-apos-ser-alvo-de-comentarios-misoginos.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. **Futura primeira-dama Michelle Bolsonaro traduz música para Libras em culto evangélico**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/futura-primeira-dama-michelle-bolsonaro-traduz-musica-para-libras-em-culto-evangelico.shtml>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO. **Ruth Cardoso: Formadora**. Disponível em: [https://fundacaoofhc.org.br/exposicoesvirtuais/ruth-cardoso-formadora/?utm\\_source=chatgpt.com](https://fundacaoofhc.org.br/exposicoesvirtuais/ruth-cardoso-formadora/?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 18 mar. 2025.

G1. **‘Quem achar que o Lulinha está cansado, pergunte para Janja’, diz Lula**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/07/05/quem-achar-que-o-lulinha-esta-cansado-pergunte-para-janja-diz-lula.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2025.

JANJÔMETRO. Disponível em: <https://www.janjometro.com/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SHELPS, Diogo. **Janja se esquece que primeira-dama não é cargo eletivo e que não é ministra**. Gazeta do Povo, 17 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/diogo-schelp/janja-se-esquece-que-primeira-dama-nao-e-cargo-eletivo-e-que-nao-e-ministra/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GUEDES, Ciza; MELO, Murilo Fiuza de. **Janja: a militante que se tornou primeira-dama**. 1. ed. São Paulo: Máquina de Livros, 2023.

LINS, Ana Maria. **Todas as mulheres dos presidentes**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PEREIRA, Merval. **As coxas de Lula**. O Globo, 29 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: 19 mar. 2025.

OLIVEIRA, Roney. Em evento com Bolsonaro, **Michelle diz que mulher tem que ser ajudadora do esposo e a gente que aguenta, né?**. *O Globo*, 28 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/em-evento-com-bolsonaro-michelle-diz-que-mulher-tem-que-ser-ajudadora-do-esposo-e-a-gente-que-aguenta-ne.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.